

A UNIVERSIDADE PRODUTIVISTA SE GLOBALIZA (E O MESMO ACONTECE COM A RESISTÊNCIA)¹

Willem Halffman e Hans Radder² (W.Halffman@science.ru.nl e H.Radder@vu.nl).

Tradução: Marcos Barbosa de Oliveira



*Este artigo serve de introdução ao **follow-up** do “Manifesto Acadêmico”: os autores dialogam com as respostas de pesquisadores de 13 países àquele texto pioneiro publicado na **Revista Adusp** 60, cuja metáfora central — o “Lobo” da gestão — passa aqui por uma revisão. Observam que a noção de universidade “gerencial” pode induzir as pessoas a ignorar ou subestimar fatores “como políticas públicas, legislações e visões de mundo neoliberais”, de tal modo que “preferimos agora a noção mais ampla de universidade produtivista”*

A Universidade produtivista. O modelo de Universidade produtivista se espalhou pelo mundo como um incêndio descontrolado. Ele organiza o trabalho acadêmico tendo em vista o máximo de *output* com o mínimo custo possível, no espírito de uma empresa — mesmo que, na maioria dos casos, e por enquanto, ainda se mantenha a propriedade pública. O modelo é apoiado e vendido por um poderoso discurso que promete o controle contábil dos pesquisadores e suas despesas por meio de medições rigorosas e imparciais; o melhoramento da qualidade através de acirrada competição entre os pesquisadores e suas instituições; o incremento da “eficiência” na alocação de recursos para a pesquisa e a educação superior; a promoção da “excelência” e do caráter *top* da pesquisa e do ensino; a salvação econômica derivada de um fluxo infindável de “inovações”; tudo isso conduzido por administradores profissionais que provaram seu valor em mundos mais duros do que bucólicos *campi* universitários. O modelo tem suas raízes na Nova Gestão Pública (*New Public Management*) dos anos 1980, que defendia a condução de serviços públicos como negócios, e permitiu sua concessão a

empresas privadas nos setores de transporte, comunicação, agências de inspeção e regulamentação, educação, saúde, e às vezes até funções policiais e prisões.

O modelo universitário produtivista é promovido por uma variedade de adeptos. Há os que confiam cegamente nas virtudes da competição exacerbada, nos benefícios universais do mercado e nas maravilhas da livre empresa, inclusive na Universidade. Mais à direita no espectro político encontram-se os que veem esse tipo de gestão como uma ferramenta conveniente para submeter acadêmicos rebeldes ao controle estatal, mantendo-os firmemente acorrentados a linhas de produção. A seguir existem as facções “realistas” que creem ser essa a única maneira de salvar as universidades públicas, de preservar a educação superior e a pesquisa com custos razoáveis, diante da massificação da educação superior e da necessidade de escapar das políticas de austeridade permanente. E por fim há muitos administradores universitários bem-intencionados, acadêmicos transformados em gestores e definidores de políticas, que foram levados a acreditar que não há alternativa: é assim que as universidades são

geridas; esse é o padrão profissional. Eles explicam os detalhes uns para os outros em conferências e oficinas de treinamento, procurando fazer com que o modelo se difunda em países “necessitados de modernização”, tais como os que aspiram a ser membros da União Europeia ou retardatários globais.

A devastação causada pela universidade produtivista nos rodeia. À sombra da retórica ganha-ganha, encontram-se os custos ocultos, que não figuram nos indicadores-chave de desempenho, e os efeitos colaterais, não-intencionais, porém não menos destrutivos

A devastação causada pela universidade produtivista nos rodeia de todos os lados. À sombra da retórica ganha-ganha (*win-win*), em que todos ganham, encontram-se os custos ocultos, que não figuram nos indicadores-chave de desempenho, e os efeitos colaterais, não-intencionais, porém não menos destrutivos. Para os que não atingem os pináculos de desempenho e reconhecimento, o emprego acadêmico tornou-se precário e tenso. Espera-se que docentes invistam pesadamente em cursos que podem nunca mais ministrar, dado que a dinâmica da produção gera continuamente currículos de “qualidade superior”. Apesar disso, eles são avaliados principalmente por seu desempenho na pesquisa, frequentemente com base em indicadores reificados e distorcidos. Sistemas grosseiros de avaliação recompensam pesquisadores e institutos que encontraram jeitos de enganar o sistema por meio de publicações fatiadas (“ciência salame”), reciclagem de textos, círculos de citações mútuas, ou outras maneiras de inflar indicadores. A autonomia acadêmica baseada em comissões e conselhos cede seu lugar para administradores profissionais muito mais “eficientes”, que assumem o controle do trabalho acadêmico e criam mais relações hierárquicas – na medida em que a “maior autonomia” da Universidade vem embrulhada na arregimentação de indicadores de desempenho “responsabilizadores”.

Enquanto isso, os gestores parecem obcecados com edifícios, esperando que um dia possam desenvolver um portfólio de imóveis como os das universidades *Ivy League* nos Estados Unidos, agravando a lógica da mercantilização que penetrou na política universitária. Especialistas em relações públicas (RP) e *marketing* recorrem ao mercado internacional de estudantes, trazendo “novos talentos” e especialmente o dinheiro de novas bolsas de estudos, enquanto organizam a fuga de cérebros (*brain drain*) dos países necessitados desses talentos. Para atrair estudantes, recursos são deslocados do verdadeiro apoio à docência e aos estudantes para a publicidade e organização de colônias de férias. O crescimento é imperativo, assim como a crença nos benefícios de escala, em institutos de pesquisa, *campi* e salas de aula cada vez maiores (mas menos acolhedores) (vide, na p.30, Simon Batterbury & Jason Byrne para o caso da Austrália). No pseudomercado global da pesquisa e da educação, contribuir para a cultura e sociedade locais é muito pouco, ou nada recompensado. A publicação regular em jornais, revistas de interesse geral e revistas acadêmicas em línguas que não o inglês torna-se um *hobby*, ou um sinal de perdedor acadêmico. A relevância social tornou-se um código para a obtenção de recursos, provenientes ou não de empresas.

Quando denunciemos esse modelo em nosso “Manifesto Acadêmico” como uma ocupação de nossas queridas universidades por uma força alienígena, o “Lobo da gestão” (*Wolf of management*), sabíamos que o modelo da universidade produtivista tinha chegado à Holanda vindo do mundo anglo-americano. Mas nem de longe esperávamos que nosso zangado Manifesto tivesse uma repercussão tão ampla. Recebemos mensagens de todas as partes do mundo, inclusive de países que presumíamos estarem muito menos atingidos pela loucura da gestão maximizadora. Pedimos a nossos correspondentes que nos contassem suas histórias, que explicassem o que viam acontecer em seus países, e recebemos treze relatos, que complementamos nesta coletânea com nossa própria descrição de eventos recentes na Holanda. Tais relatos não constituem estudos sistemáticos e quantitativos adequados para o teste de hipóteses. São relatos motivados por experiências pessoais e apoiados por estudos empíricos e argumentos sólidos. Eles mencionam a colonização, e a maneira como o modelo produtivista se insinua; mas também a resistência e os protestos, que às vezes resul-

tam em vitórias parciais. Seguem abaixo as lições que extraímos desses relatos, embora a nossa seja apenas uma perspectiva num grande conjunto de contribuições oriundas de contextos muito diferentes.

O produtivismo contextualizado. Vários autores nesta coletânea compartilham a opinião de Michel Lacroix, de que a análise do Manifesto, recapitulada acima em termos da universidade produtivista (adotando o termo usado por Dagnino & Barbosa de Oliveira, vide p.26), provoca um sentimento muito forte, “preocupantemente familiar”. Ao mesmo tempo, eles apontam variações contextuais significativas no modelo produtivista. Como resultado de condições próprias de sistemas nacionais, regiões geopolíticas, ou mesmo de uma universidade específica, a caixa de ferramentas do produtivismo é aplicada seletivamente e adaptada às características locais. Em alguns países, como a Espanha ou a Bélgica (vide as contribuições de Aladro Vico, p.48; Bogaert *et al.*), uma representação relativamente forte continua a existir na forma de conselhos ou dirigentes eleitos, proporcionando um fulcro para a resistência. Contudo, mesmo quando acadêmicos permanecem formalmente no controle, as ferramentas do produtivismo ainda se difundem, apoiando nossa observação desconfortável de que, pelo menos em parte, estamos fazendo isso para nós mesmos.

O papel do modelo produtivista da universidade é particularmente interessante no contexto pós-comunista do Leste Europeu, em que a universidade produtivista é apresentada como o modelo moderno e profissional, que ataca o clientelismo e expulsa os aproveitadores, enquanto introduz sub-repticiamente a mercantilização do conhecimento em detrimento da cultura acadêmica local: ver relatos da Bósnia e Herzegovina (Hilbert & Lešić-Thomas), Hungria (Wessely) e Eslováquia (Hvorecky, Višňovsky & Porubjak). Especificamente na Hungria, o produtivismo é associado a um Estado fortemente autoritário que usa o discurso da gestão para sustentar o poder sobre acadêmicos liberais (e portanto ameaçadores). Em nossa comunicação com acadêmicos do Leste Europeu — e não explicitamente nos relatos — ficamos surpresos com sua ideia de que as instituições da União Europeia impõem o modelo produtivista, quer sob a bandeira da facilitação do intercâmbio de estudan-

tes (Processo de Bolonha), quer como o paradigma mais moderno de governança universitária.

Entretanto, a ideia de que o produtivismo é idêntico à boa governança, de que é “a maneira certa de fazer as coisas”, e de que vale a pena imitar os países do topo da liga da ciência global, também se dissemina sem essa pressão formal. Tanto do Brasil como da Espanha (Dagnino & Barbosa de Oliveira; Aladro Vico) vêm relatos de como instrumentos e modelos são copiados enquanto receitas de sucesso, omitindo porém o que têm de desvantajoso, como se não existissem problemas. Nessas circunstâncias, relatos sobre o lado sombrio do produtivismo, oriundos de países aparentemente bem-sucedidos como a Holanda, podem ajudar a conter as celebrações dos gestores.

A massificação do ensino superior tornou os títulos universitários acessíveis não só para estudantes de classes alta e média alta. Ao mesmo tempo, tem sido importante fonte de tensão, para a qual são apontadas como solução as receitas produtivistas, buscando-se reduzir os gastos públicos

As legislações e políticas nacionais constituem um claro fator de mediação em todos os casos, inclusive a extrema interferência governamental nas universidades japonesas (ver o relato de Katsumori), a notória UK Research Excellence Framework (Watermeyer), a posição peculiar das instituições públicas de elite na França (Charle) e as intrusivas propostas de reforma administrativa no Quebec (Lacroix). A massificação da educação superior tornou os títulos universitários acessíveis não só para estudantes das classes alta e média alta. Ao mesmo tempo, diante da incapacidade dos governos nacionais de acomodar tal expansão no orçamento, a massificação tem sido uma importante fonte de tensão, para a qual as receitas produtivistas são apresentadas como solução. De maneira geral, isso conduz a



educação superior rumo à (semi)privatização por meio do aumento do preço e do financiamento corporativo, fornecendo pretextos para a redução do investimento público (ver a descrição de Brown dessa lógica nos Estados Unidos). Tais aspectos também indicam certa fraqueza em nossa análise no Manifesto. Embora tenhamos reconhecido brevemente, numa nota de rodapé, o significado de “amplos desenvolvimentos políticos e socioculturais”, nossa metáfora primordial foi o Lobo da gestão. Dado que a noção de universidade “gerencial” pode induzir uma pessoa a ignorar, ou pelo menos subestimar, a importância de fatores mais amplos, tais como as políticas públicas, as legislações e visões de mundo neoliberais, preferimos agora a noção mais ampla de universidade produtivista.

Também muito específica é a posição dos países anglófonos, que gozam de uma vantagem estratégica particular no “mercado” internacional de pós-graduação. Entre eles, a Austrália tentou aproveitar-se da massificação da educação superior, atraindo estudantes do sudeste da Ásia. Sob a pressão da política de austeridade, os estudantes estrangeiros são caracterizados como um meio de preservar e mesmo fortalecer a posição das universidades australianas, uma manobra facilitada pelo movimento em direção a uma universidade mais produtivista (Batterbury & Byrne). Embora os países anglófonos tenham, desse ponto de vista, uma vantagem estratégica, processos semelhantes ocorreram na Holanda, como mencionamos em nossa contribuição para esta coletânea. Assim, a Universidade de Groningen anuncia orgulhosamente que será a primeira universidade da Europa continental a abrir

um *campus* na China, em colaboração com a Universidade China Agrícola, em Beijing, junto com a companhia de laticínios holandesa Friesland Campina (University of Groningen, 2017). Eles veem a China como “um enorme e crescente mercado de estudantes”, e esperam atrair para Groningen uma parcela significativa dos 450.000 estudantes chineses que vão estudar no exterior e, naturalmente, pagar taxas muito mais altas do que as cobradas dos estudantes holandeses (dependendo do programa, elas podem ser de quatro a 16 vezes maior).

Além desses aspectos contextuais, elementos similares continuam a surgir quando a universidade produtivista se globaliza. Na medida em que reorganizações são ocasionadas por cortes de orçamento, crises econômicas e políticas de austeridade, ou mesmo vitórias eleitorais de populistas, os definidores de políticas procuram alternativas para encontrar um modelo que supostamente funciona em algum remoto Shangri-La, no topo do *ranking* de Xangai. Os relatos incluem vários exemplos de políticas de austeridade persistentes que solaparam instituições e colegialidade acadêmicas, como na Dinamarca e na Finlândia (Välikangas), porém em lugar algum tão dramaticamente quanto no Brasil (Dagnino & Barbosa de Oliveira). Quando o Estado deixa na mão suas universidades, o capital privado parece ser a única saída, ao lado de aventuras financeiras.

Como resistir à universidade produtivista. Afetados por especificidades locais, relatos sobre a introdução da universidade produtivista, parcial ou deploravelmente completa, vieram de muitos lugares. Frequentemente, os autores são acadêmicos aliviados ao perceber que outros compartilham sua indignação; que eles não estão sozinhos em suas tentativas de resistir. Assim como as especificidades da universidade produtivista resultam de condições locais, o mesmo acontece com as formas de resistência. Idealmente, a resistência à universidade produtivista tem três objetivos gerais. Primeiro, a criação e manutenção da solidariedade entre os estudantes, professores e funcionários. Isso inclui a defesa ou formação de estruturas democráticas institucionais que garantam a todos os envolvidos voz e voto nas questões que os afetam. Segundo, a análise e crítica profundas, complementadas pelo desenvolvimento de alternativas concretas bem pensadas. Terceiro, uma variedade de atividades

(principalmente debates e ações) voltadas para a realização das alternativas.

No Manifesto, identificamos uma longa lista de exemplos de movimentos trabalhistas a fim de avaliar possíveis formas de ação contra o produtivismo. Que padrões de resistência podem ser encontrados nos catorze relatos? Discutimos brevemente sete formas diferentes de resistência (ou razões para sua ausência).

Os relatos da Espanha e da Bélgica mostram que a universidade democrática, conduzida por conselhos e dirigentes eleitos, talvez não impeça a introdução do produtivismo, mas pode conter plataformas cruciais para a resistência a seus aspectos mais perniciosos

Intervenção democrática. Os relatos da Espanha e da Bélgica mostram que a universidade democrática, conduzida por conselhos e dirigentes eleitos, pode não impedir a introdução do produtivismo, mas pode conter plataformas cruciais para a resistência a seus aspectos mais perniciosos. Por essa razão, a pequena ampliação dos direitos democráticos dos estudantes e funcionários resultantes dos recentes protestos na Holanda constitui pelo menos um passo na direção certa.

Inversamente, tentativas de extinguir as instituições ou plataformas deliberativas da democracia acadêmica constituem uma tática importante para pavimentar o caminho para o produtivismo, como no caso do Japão e da Hungria. Assim como na Hungria, o relato da Eslováquia expressa um forte apelo à democracia acadêmica, visando a volta da integridade pessoal e da liberdade acadêmica. O relato da Bósnia advoga o retorno de alguns elementos da antiga tradição socialista iugoslava, particularmente as virtudes da solidariedade e cooperação. Em todos esses relatos, a visão é a de que são poucas, ou nulas, as oportunidades de mudança substancial. Entre as razões para isso, duas se destacam: um governo nacional autoritário, iliberal, e uma cultura de passividade, obediência e conformismo. O relato do Reino Unido

argumenta que mesmo tentativas bem-intencionadas de tornar o atual sistema de avaliação da pesquisa mais inclusivo na verdade estão de acordo com, e contribuem para, um modo de avaliar resultados de pesquisa intrinsecamente disfuncional.

Sindicalização. O padrão mais notável entre as estratégias bem-sucedidas na defesa da Universidade contra o produtivismo nos relatos é a importância das associações — sindicatos, de docentes e de funcionários, órgãos coletivos estudantis. Os relatos do Brasil, Quebec, Espanha, Estados Unidos, Austrália e Holanda destacam como a sindicalização tem sido crucial para conter as táticas do Lobo. Os sindicatos proporcionam uma posição coletiva de negociação relativa a condições de trabalho, podem investigar e coletar evidências, e organizar mobilizações de protesto. Há entretanto uma questão empírica importante: quantos professores, funcionários e estudantes são membros desses coletivos? Na Holanda, apenas uma pequena proporção, e tememos que a situação na maioria dos outros países não seja muito melhor. Ainda assim, os relatos sugerem que as associações constituem um fator-chave para o êxito da resistência.

Manifestações e atividades críticas. Os objetivos de manifestações e atividades críticas públicas por membros da Universidade podem variar. Às vezes o objetivo é elevar o reconhecimento de uma gama de problemas entre estudantes, acadêmicos, o público em geral, definidores de políticas públicas e políticos. Pode ser também pressionar gestores ou definidores de políticas a resolverem um problema específico de maneira apropriada. Ou então tentar implementar mudanças básicas nas políticas e leis do ensino superior. O papel e o impacto dessas formas de resistência parecem diferir significativamente entre os países representados em nossa coletânea. A contribuição dos Estados Unidos expõe “muitos exemplos promissores de defesa efetiva de valores e instituições da educação superior pública”, particularmente pelo ativismo estudantil, tendo como resultado maior conhecimento público do estado atual da educação superior no país. A Holanda também teve uma grande onda de resistência, começando em 2013, culminando em 2015, e continuando agora com intensidade menor. Algumas modificações, pequenas, mas ainda assim significativas, também foram

obtidas por meio da proposta de estratégias alternativas de gestão, tais como o novo modelo de carreira acadêmica sendo desenvolvido no Utrecht Medical Centre.

Em contraste, a mobilização de estudantes e acadêmicos parece ser mais difícil na Austrália, devido à preponderância das visões de mundo e políticas neoliberais. Também nos casos do Canadá, Finlândia e Eslováquia as táticas individualizadoras do Lobo, que favorecem a competição em vez da solidariedade, aparentam ser exitosas. Na Hungria, o primeiro e mais sério desafio é derrotar o “Polvo” — o governo antidemocrático e anti-intelectual, com seus tentáculos enormemente destrutivos. Entretanto, até agora, o impacto de manifestações e ações críticas tem sido pequeno, e embora ações legais sejam consideradas, não são vistas como muito promissoras.

Do Quebec chegou um exemplo bem-sucedido da estratégia de desobediência civil administrativa contra medidas mesquinhas de controle, que teve lugar quando a exigência de tarefas burocráticas sem sentido foi extinta depois de um ato de desobediência conjunta, na forma de declarações sistemáticas de “nada a declarar”

Greves e recusas coletivas. Algumas greves foram mencionadas, nos relatos do Brasil, Canadá e Bélgica. Sentimos que, diante da deterioração das condições de trabalho, essa forma de resistência poderia ser mais explorada, especialmente em conexão com as associações. No Manifesto também aventamos a possibilidade de desobediência civil administrativa, contra medidas mesquinhas de controle. De Quebec chega agora um exemplo bem-sucedido dessa estratégia, que teve lugar quando a exigência de tarefas burocráticas sem sentido foi extinta depois de um ato de desobediência conjunta, na forma de declarações sistemáticas de “nada a declarar”. Nossos colegas belgas propõem ações coletivas contra o financiamento

por resultados (*output funding*): a relação forte entre o número de publicações em revistas indexadas pela empresa comercial Thomson Reuters e as verbas públicas concedidas à Universidade. Se os acadêmicos pararem de mencionar suas filiações institucionais em suas publicações e apresentações, a contagem institucional da produção seria subvertida sem ameaçar as carreiras individuais. Tais atos de não-cooperação constituem um lembrete poderoso de que muitos dos instrumentos produtivistas são implementados com nossa anuência. Ao mesmo tempo, eles nos lembram do fato de que essas formas de resistência podem ter sucesso apenas se existir uma intensidade substancial de solidariedade: muitas, ou mesmo a maioria das pessoas envolvidas devem estar dispostas a participar.

Contraocupações. A única grande contraocupação relatada ocorreu na Holanda. Por outro lado, de outras fontes ficamos sabendo que com certa frequência elas têm lugar no Brasil também. É principalmente a geração mais jovem de estudantes que desempenha um papel indispensável nesses eventos intensamente físicos. As ocupações na Holanda tiveram bastante sucesso em incrementar o conhecimento (de acadêmicos, políticos e do público em geral) a respeito dos apuros das universidades, mas (ainda) não levaram a soluções para os grandes e fundamentais problemas.

Saída. A fuga de cérebros é uma forma comum de saída: ir embora de um país porque a situação em outro lugar é considerada mais promissora. Outra forma de saída pode acontecer ainda mais frequentemente: jovens acadêmicos frustrados ou resignados que decidem abandonar a academia depois dos enésimos breves contratos temporários para atividades docentes e/ou enésimos pedidos de recursos para pesquisas negados. Casos de saída foram mencionados nos relatos da Eslováquia e da Austrália, porém certamente ocorrem em muitos outros países. Entretanto, mesmo se acadêmicos têm boas razões para qualquer das formas de saída, a resignação individual não constitui uma forma efetiva de resistência, como já afirmamos no Manifesto.

O poder do humor. Não há dúvida de que as várias formas de argumentação em profundidade, o debate sério e as ações “duras” mencionadas até este ponto são necessários para se conseguir mudança significativa. Mas serão

também suficientes para mobilizar a maioria silenciosa? E serão suficientes para manter viva nossa própria motivação diante das (inevitáveis) barreiras e frustrações? Talvez não. Para tais propósitos, ações mais divertidas podem ser igualmente importantes, mostrando que o rei está nu. No ano passado, por exemplo, a Plataforma para a Reforma das Universidades Holandesas organizou um concurso de *slogans* (Platform H.Nu 2016a). Coletamos todos os *slogans* produzidos pelo setor de RP das universidades holandesas em nosso *website*, acompanhados de um ícone para o voto no pior deles. Acionamos também jornais e revistas universitárias para divulgar a iniciativa. Finalmente, calculamos e publicamos os resultados do concurso, e entregamos os prêmios para as comissões diretoras das duas universidades “vencedoras”³. Também oferecemos um “gerador aleatório de *slogans*”, baseado numa seleção arbitrária de clichês, para proporcionar à gestão da Universidade uma alternativa gratuita aos dispendiosos setores de *marketing* (Platform H.NU 2016b).

O objetivo mais sério implícito nesta brincadeira foi evidentemente expressar uma forte crítica da Universidade enquanto empresa comercial. Seu alvo específico foi a agressiva e custosa promoção das universidades pelos setores de RP e *marketing*, envolvendo campanhas de popularização de marcas (*branding campaigns*). Idealmente, a iniciativa deveria ser acompanhada de análises quantitativas de quanto dinheiro público é desperdiçado dessa maneira. Os relatos mostram que as atividades de RP e *marketing* são consideradas cruciais em muitos países. Por isso, iniciativas humorísticas semelhantes podem ser apropriadas e eficazes em outros países, contribuindo para elevar o nível de consciência pública e nos manter animados.

Conclusão. À medida que a universidade produtivista se globaliza, os membros de instituições acadêmicas começam a perceber que suas lutas não são apenas contra as maldades de um fenômeno local. Métodos produtivistas se difundiram rapidamente, mas com as narrativas e análises de seus lados nefastos está acontecendo o mesmo. Nosso objetivo foi o de divulgar não apenas a análise do que está errado, mas também o que pode ser feito. Os relatos dos catorze países proporcionam uma visão geral de formas de ação que obtiveram sucesso. Os sindicatos parecem desempenhar um papel crucial em muitos relatos, porém pensamos que há muito neles que

pode ajudar nas lutas em que os autores estão empenhados em seus ambientes acadêmicos.

Que outros passos podem ser dados? Mais relatos de países ajudariam, expondo as estratégias de resistência adotadas e as táticas testadas. Seriam especialmente interessantes mais relatos do sudeste da Ásia, onde há uma rica cultura de pesquisa e educação superior em rápido crescimento que permaneceu até agora fora de nosso alcance. Relatos dos países do Oriente Médio e da África também teriam interesse, tratando por exemplo da ampla ação política nas universidades sul-africanas nos últimos anos. Um

próximo passo talvez possa ser o desenvolvimento de comparações mais sistemáticas, mas por enquanto a ampliação de nossa cobertura parece ser a medida mais útil.

Outra tarefa importante é desenvolver um esboço de uma alternativa radical para o futuro, que aponte as características de uma universidade profundamente pública, orgulhosamente acadêmica, mas também financeiramente sustentável. Este objetivo nem de longe é trivial; porém, quando vier a próxima série de reorganizações, poderemos precisar de uma visão mais inspiradora do que a da universidade produtivista.

NOTAS

- 1 Tradução de “The productivist university goes global (and so does its resistance)” (v. Referências). Agradecemos aos autores a permissão para publicar esta tradução.
- 2 W. Halfman é professor do Instituto para a Ciência, Inovação e Sociedade, Faculdade de Ciência, Radboud University Nijmegen (Nijmegen, Holanda) e exerceu trabalho temporário em várias universidades holandesas nos últimos 20 anos. H. Radder é professor emérito em filosofia da ciência e tecnologia do Departamento de Filosofia na VU Universidade (Amsterdam).
- 3 Mais de 3.000 pessoas votaram. A campeã foi a Universidade de Groningen (Born leaders reach for infinity); a Universidade de Amsterdam (We are U) conquistou um honroso segundo lugar, enquanto a Universidade VU de Amsterdam ficou na quarta posição com seu profundo Looking further.

REFERÊNCIAS

A maioria das citações no texto refere-se aos relatos que compõem o *follow-up* do Manifesto Acadêmico:

HALFMAN, WILLEM & RADDER, HANS (orgs.) International responses to the Academic Manifesto: reports from 14 countries. *Social Epistemology Review and Reply Collective*, Special Report, p. 1-77, 2017.

O *follow-up* inclui também o comentário final dos organizadores, do qual o presente texto é a tradução:

HALFMAN, WILLEM & RADDER, HANS. The productivist university goes global (and so does its resistance) (p.70-77).

Os relatos citados são os seguintes:

BATTERBURY, SIMON & BYRNE, JASON. Australia: Reclaiming the Public University (p. 23-33).

BOGAERT, KOEN ET AL. The Academic Manifesto: The Situation in Flanders (p. 54-57).

BROWN, MARK B. Beyond Privatization in U.S. Higher Education (p. 9-14).

CHARLE, CHRISTOPHE. Problems of the French Universities (p. 61-63).

DAGNINO, RENATO & OLIVEIRA, MARCOS B. DE. On the ills of management: the Brazilian experience (p. 15-18).

HIBERT, MARIO & LEŠIĆ-THOMAS, ANDREA. On Wolves, Sheep and Shepherds: A Bosnian Comedy of Errors (p. 34-37).

HVOŘECKÝ, JOZEF; VIŠŇOVSKÝ, EMIL & PORUBJAK, MATÚŠ. Striving for Academic Authenticity: A Slovak Position in the Context of the Academic Manifesto (p. 42-45).

KATSUMORI, MAKOTO. The Crisis of Japanese Academia: A Brief Report on Recent Developments (p. 19-22).

LACROIX, MICHEL. The Wolf and the Sheep in Québec (p. 4-8).

VÄLIKANGAS, ANITA. Anxieties and Tensions in the Nordic Model—Finland and Scandinavia (p. 46-49).

VICO, EVA A. Complutense University of Madrid and the Academic Manifesto: Common Traits (p. 58-60).

WATERMEYER, RICHARD. Activism over Acrimony: Not Getting Better but Getting Beyond the UK's Research Excellence Framework (p. 50-53).

WESSELY, ANNA. Beside the Wolf There Is also a Ravenous Giant Octopus Eating Away Academic Freedom in Hungary (p. 38-41).

WILLEM HALFMAN & HANS RADDER. The Struggle for the Public University in the Netherlands (p. 64-69).

Também são citadas as seguintes matérias:

PLATFORM H.NU. “Rijksuniversiteit Groningen heeft domste universitaire reclameleus.” Acesso em 10/07/2017. <http://platform-hnu.nl/persbericht-rankingthe-slogans-2016/>, 2016a.

PLATFORM H.NU. “University Slogan Generator.” Acesso em 10/07/2017. <http://platform-hnu.nl/slogangenerator/>, 2016b.

UNIVERSITY OF GRONINGEN. “University of Groningen to start first Dutch branch campus in China.” Acesso em 10/07/2017. <http://www.rug.nl/news/2015/03/university-of-groningen-to-start-first-dutchbranch-campus-in-china>, 2017.